

**Algoritmos e a centralização midiática: reflexões sobre a
constituição de redes digitais¹**

CORTES, Dinis Ferreira (Doutorando)²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos / Rio Grande do Sul

Resumo: A articulação pretendida com o texto busca uma reflexão sobre a transformação dos processos midiáticos em redes digitais. Entre os elementos a serem observados como constituintes dos ambientes das redes digitais destacamos uma reflexão sobre o papel dos algoritmos nas formulações dos meios. A experimentação dos conteúdos a partir das práticas atribuídas ao desenvolvimento de redes no âmbito da determinação das inteligências artificiais de trajetórias. Contextualizamos um cenário que emerge as funcionalidades de compreensão da constituição dos circuitos-ambiente, procurando distinguir o que deriva de automação e da emancipação dos atores sociais envolvidos nos processos sócio-técnicos. A centralização midiática vista a partir de olhares sobre o complexo controle tentativo situado nos contratos estabelecidos entre usuários de redes digitais e plataformas.

Palavras-chave: algoritmos; centralização midiática; redes digitais; circuitos-ambientes; midiática.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Nota introdutória

O presente texto busca identificar e correlacionar reflexivamente os processos midiáticos presentes em redes digitais. Fazemos aqui uma reflexão sobre os usos e os

¹ Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Digital integrante do VII Encontro Regional Sul de História da Mídia – Alcar Sul, 2018.

² Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Bolsista CAPES), onde concluiu também o seu mestrado na área. Graduado em Jornalismo e Especialista em Comunicação e Projetos de Mídia (UFN). Participa da linha de pesquisa Midiática e Processos onde contribui no desenvolvimento de estudos dos meios e a constituição de circuitos-ambientes. – dinisfcortes@gmail.com

armazenamentos de dados, a interferência dos algoritmos e os contratos estabelecidos entre os usuários de redes digitais e as plataformas.

A proposta do texto visa traçar um olhar sobre a centralização midiática em redes digitais, as manipulações de informações e a complexa relação entre o ser humano e a inteligência artificial. Procuramos dialogar no texto com conceitos que dialogam sobre a circulação midiática, os meios e a midiatização da sociedade. Buscamos aqui refletir sobre as inteligências de trajetórias e as dinamicidade de uma sociedade em conflitos e convergências com automatizações digitais.

Reflexões sobre o modo de olhar uma internet centralizada

A grande concentração e armazenamento de dados trouxe como resultado nas últimas décadas a criação de grandes monopólios da informação. Informações que são coletas dos usuários enquanto navegam pela internet, enquanto acessam aplicações via smartphones ou até mesmo via conexões através do computador de bordo de carros pessoais.

A dependência da sociedade em viver imergida cada vez mais dentro de processos tecnológicos coloca em voga uma exposição considerável das vidas particulares, das identidades e dos seus aspectos sociais do qual o homem se adapta a viver em sociedade. Esses processos tecnológicos estão tão intrínsecos no funcionamento da sociedade que os seus contratos de funcionamento pouco são acordados, mas sim são impostos.

Como exemplo os serviços de redes sociais possuem uma gama material em seus contratos de funcionamento que os usuários ao adentrar na plataforma aceitam as condições de uso. Porém, a maioria dos usuários não possuem interesse em ler, são tantos pedidos de aceite de termos e condições em diversas plataformas que os usuários aceitam sem ler. Mas isso é uma problema diferente, que requer uma outra angulação.

Falamos dos contratos estabelecidos pelos usuários como uma condição para usar, contratos do qual os proprietários da plataforma a ser utilizada pode ou não colocar algo muito comum nos contratos web: “o podemos alterar os termos sem consulta a qualquer momento”. Sim, isso é visto em redes sociais e serviços de grandes escala no mundo que

adotam do recurso para poder ter controle sobre possíveis alterações nos modos operandi das plataformas, claro isso busca o benefício da instituição fornecedora.

De certa forma, as estruturas impõem regras sem que possamos saber, os contratos são flexíveis, isso de certa forma já está naturalizado. Mais naturalizado ainda são os mecanismos dos algoritmos, eles podem ser alterados para coletar dados com diferentes finalidades do que o proposto, como é o caso de influenciar em eleições presidenciais ou ajudar na promoção de um algum patrocinador da plataforma.

Inevitavelmente o usuário precisa aceitar as condições, afinal o mesmo precisa estar presente nas redes sociais para não se sentir um excluído social, para poder fazer parte de uma sociedade conectada.

Os algoritmos possuem papéis engendrados no mecanismo das plataformas digitais. Suas funções são primordiais pois ditam como as plataformas conectadas irão interagir com os usuários e com outras plataformas que se conectam na rede. Sua funcionalidade é por si binária, de escolhas entre verdadeiro ou falso. Mas esse é o limite que podemos ter contato visual com os algoritmos, afinal eu posso fazer um algoritmo de um jeito e você de outro.

O complexo campo estrutural ao qual os dispositivos são manejados pelos algoritmos, é também um local onde ocorrem constantes embates de sentidos. Para Peraya (1999), o dispositivo como agente no processo comunicacional tensiona numa perspectiva semiótica, social e tecnológica. Para o autor não há semiose que não passe pela técnica e pela tecnologia, sendo assim é a partir delas que temos as configurações do que podemos observar como estruturas que resultam no que conhecemos como linguagens.

De acordo com Ferreira (2013, p. 147), “o dispositivo não é meio nem mensagem. É um lugar de inscrição que se transforma em operador de novas condições de produção e de recepção, e, ao mesmo tempo, passagem e meio”. Observando as redes digitais e as complexas trajetórias que um conteúdo pode tomar, observamos resultados de linguagens e códigos que chegam a interação humana como consequência as escolhas de desenvolvedores. Os usos e fins, ou seja a continuidade da cadeia ali despertada pelos algoritmos acabam sendo parte influenciadas pelos desenvolvedores do dispositivo



7º ALCAR SUL 2018
7º Encontro Regional Sul de História da Mídia

comunicacional e parte continua desviante dos seus usuários. Para Fausto Neto (2008, p. 5), “o avanço da midiaticização sobre a sociedade, e com e feitos também sobre o próprio mundo midiático, trata de reformular suas práticas, os contratos, seus dispositivos, suas operações e a própria problemática da produção dos sentidos”.

Independente da forma como os algoritmos são expostos visualmente aos usuários, ele possuem mecanismos ocultos que geram dados a serem armazenados e manipulados em instâncias que os usuários não saberão. Um simples enviar de mensagem, ou uma busca por um vídeo podem gerar reações algorítmicas que condensam as informações como bem querem, afinal, lembramos que além dos algoritmos poderem manipular o funcionamento da plataforma ele também é responsável pelo direcionamento dos dados, ou seja, para que fim além do original isso será usado a favor da plataforma que muitas vezes visa vantagens comerciais ou em alguns casos de censura judicial e até governamental.

Depois de anos de aceitação contratual de termos de usuários o mundo tecnológico presenciou o grande escândalo de venda de dados o qual a rede social Facebook foi acusada¹. No caso, dados eram fornecidos para favorecer uma campanha eleitoral nos Estados Unidos, o mesmo tipo de escândalo recaiu sobre a mesma plataforma nas eleições presidenciais do México².

Os escândalos trouxeram um novo olhar sobre como os dados dos usuários são armazenados, para qual outros fins eles podem ser utilizados. No mês de agosto de 2018 no Brasil, o Facebook em demonstração de que está agindo para não haver manipulação na plataforma por usuários externos, anunciou a remoção de uma grande rede de engajamento falso que visava influenciar os usuários com notícias falsas favorecendo determinados candidatos nas disputadas eleitorais e desfavorecendo outros³.

No princípio da fundação da rede comunicacional da internet uma intriga gerava um desacordo entre os membros de criação de protocolos a serem adotados como plataformas de uso para conexões. De um lado havia um bloco que defendia a utilização da linguagem HTML e outros defendiam um movimento no qual a internet não fosse organizada sistemicamente. O resultado que tivemos foi a criação da World Wide Web



7º ALCAR SUL 2018
7º Encontro Regional Sul de História da Mídia

que utilizou a linguagem HTML, para Ted Nelson, um dos opositores a proposta e famoso por escrever o livro manifesto “Computer Lib”, anos depois republicado pelo Microsoft, a World Wide Web traz um controle sobre o paradigma das operações dos hiperlinks que são disponibilizados aos usuários da rede (NELSON, 1987).

Na visão de NELSON (1987), os usuários sofrem com uma ilusão de que possuem uma liberdade de acesso a todos os conteúdos que procuram. Os algoritmos reconduzem essa nova pragmática de funcionamento que circunda questões de um controle de acesso, mesmo que tentativo.

Temos, portanto, segundo NELSON (1987) essa centralização das informações que deixam propositalmente rastros de acessos aos conteúdos. O hipertexto que é derivado de lógicas algorítmicas nos leva a isso. Krapp (2011, p. 6), resgata na visão de Lévi-Strauss o conceito sobre hipertexto presente na literatura, de acordo com o autor Strauss relembra que essa simetria de informações organizadas era na realidade uma reprodução de algo que a sociedade já estava adaptada anteriormente nas chamadas intertextualidades, que para o autor é na realidade uma representação constituinte do que podemos ver nos hiperlinks, e que tal sistêmica mesmo mais complexa possui os mesmo fundamentos oriundos na literatura, nos livros e nas suas disposições ou até mesmo nos jogos de cartas organizados por naipes e numerações que traduzem uma lógica sistêmica de jogar.

Ainda seguindo a proposta de leitura de Krapp (2011, p. 6) sobre Strauss, o hipertexto na tela do computador não seria uma novidade mas sim uma atualização de algo primitivo. De fato, as formas como são organizados os algoritmos denotam uma escala de grande ações que são pré-configuradas. Entretanto, não podemos esquecer que a apropriação dos meios tecnológicos podem resultar em uma distorção do seu real uso. O certo é que as informações sejam elas ascendentes ou descendentes nos processos midiáticos em redes não possuem a devida transparência, um pelo lado da ocultação dos algoritmos e as suas funções, ação essa tomada pelos desenvolvedores, outra por conta do usuário da rede não saber o destino de fato dos dados ali gerados através dos processos interacionais. Nesse sentido, temos uma centralização dos processos comunicacionais,

onde algoritmos e bancos de dados são elementos de poder institucional, no caso das empresas tecnológicas.

Uma tentativa de descentralização de poderes

Numa segunda guinada pensamos então o que seria a internet sem as derivações da World Wide Web como detentora do funcionamento dos sistemas de dados na rede. Além da insegurança na transparência de onde ficam armazenados os dados, as principais redes sociais são pressionadas cada vez mais por órgãos jurídicos pela necessidade de transparência e para saber qual o alcance manipulatório de informações. A falta de segurança nos servidores de hospedagem centralizados de dados é uma das questões que expõem a internet a uma terra onde não sabemos o quanto os hackers podem ter acesso as informações fornecidas por usuários na web. Lembramos casos recentes nos últimos anos no Brasil como o vazamento de informações de estudantes cadastrados na prova de acesso ao ensino superior ENEM, onde dados dos cadastrados na plataforma foram compartilhadas por hackers publicamente na web, expondo a problemática em torno da posse informacional.

Um outro fator que contribui para uma tentativa de descentralização dos meios e também dos poderes é o que percebemos na recente obra de Manuel Castells (2013) no livro *Redes de Indignação e Esperança: movimentos de sociais na era da internet*. Castells (2013) traz um contexto da última década de 10 na Europa e que pôde ser visto no Brasil também em 2013, que são os movimentos sociais lançados por grupos de jovens na internet que se inclinam para ideias individualistas de defesa dos direitos. Jovens que se reúnem em redes sociais digitais com propostas e ideias políticas diferentes e que vão conjuntamente para as ruas protestar por direitos difusos, individualistas, mas com uma coisa em comum, serem contra os modelos tradicionais de governo, que para eles não atendem mais suas necessidades plurais.

O desacreditar das massas mais jovens que buscam uma independência de governos, conforme citamos aqui visibiliza o crescimento desenfreado do que podemos chamar de um individualismo sócio-político-digital. Ele tem origem na internet e é



reflexo imensurável da necessidade de descentralização de poderes advindas de uma parcela da sociedade que visualiza mais o seu interesse do que o de uma nação.

A resolução é conflitiva uma vez que temos uma sociedade subdivida onde os meios contribuem para uma descentralização de poder (no caso governamental) oferecendo necessariamente um sistema centralizado de poder (sistema manipulatório de dados), que é o caso por exemplo do Facebook que por questões comerciais preferiu retardar até ser atingido por processos jurídicos para então deixar de difundir mensagens falsas que eram patrocinadas. O que na realidade não impede que isso volte a ocorrer sem que possamos saber disso.

Midiatização: um olhar sobre a centralização midiática

Na condição de uma sociedade que necessita estar em redes digitais ou ao menos a par do que acontece nelas, temos uma formação de uma ambientação singular onde os meios de comunicação se tornam ferramentas operacionais para sistematizar processos socio-econômico-culturais. Já tivemos esse processo de midiatização advindo desde o homem que utiliza da pedra como ferramenta e arma, passando pela prensa e a difusão dos livros, os jornais até a televisão que elevou o poder dos meios a um novo patamar (Verón, 1997).

As comunicações de massa como muitos achavam que poderiam desaparecer, mas não desapareceram, estão ali presentes e se adaptando ou pelo menos tentando isso, frente aos complexos circuitos-ambientes surgidos com a era tecnológica. Os meios de comunicação hoje estão ao alcance do público, de sua apropriação e uso. Antes os dispositivos técnicos que eram designados as esferas das grandes corporações midiáticas estão disponíveis na web.

Para Verón (2013), “nunca antes o surgimento de um dispositivo técnico de comunicação havia provocado em tão pouco tempo movimentos que atravessam os campos econômico, tecnológico, político, social e cultural de novos vejos estados-nações”. A midiatização percorreu na duas décadas iniciais do século XXI uma aceleração do tempo histórico.



7º ALCAR SUL 2018

7º Encontro Regional Sul de História da Mídia

A profusão dos meios deram origem a profundas e complexas redes que “remontam o pensamento geométrico” (Verón, 2013). Na natureza da centralização midiática é possível perceber a necessidade de entender o que faz, o que constrói, o que converge para se tornar algo que o usuário recebe em telas. Não temos portanto um movimento contínuo e linear, por exemplo. Esse processo que por exemplo no cinema e na televisão perpassa por questões de escolhas de conteúdos, grades de programações e até edições sequências de imagens.

As redes são estruturalmente advindas de complexas relações algorítmicas que em contato com os usuários determinam modos de agir, conduzir, operar. Para Verón (2013), a rede observada como configuração de trajetórias leva ao hipertexto. Algo semelhante ao conceito intertextualidade proposto pela semiologia de Lévi-Strauss.

A hipertextualidade carrega uma outra fundamentação aqui, montada primordialmente no entorno das condições propostas pelas dinâmicas de grandes centros de dados. Para o campo comunicacional podemos dizer que a revolução informacional trouxe um intruso, o algoritmo como correlacional entre os meios mutáveis. Não existe uma solidez comunicacional no que pode ser publicado, não que na televisão isso de fato pudesse ser exercido. Mas de todo caso, na era da televisão e do rádio a informação era difundida e espalhada para aparelhos que apresentavam conteúdos sequenciais de programação. Com as redes, o conteúdo pode tomar diferentes rumos, alguns tensionados pelos usuários, outros por instituições, mas sempre dependendo do que o algoritmo pode ou não deixar ser entregue.

Nesse sentido, Verón (2013) fala da importância das redes numa perspectiva de que o primordial desta é o seu grau de alcance. No olhar que tivemos sobre as manifestações, os meios exacerbam as reflexões sócio-político na sociedade, “los medios se están transformando em el único lugar em que opera la construcción-reconstrucción de los colectivos” (Verón, 2013).

A automatização da rede através de inteligência artificial reconduz as ordenações de polos transmissores de mensagens. Parte do sistema no processo comunicacional em redes é visto pelos atores sociais que procuram reconhecer e moldar as operações de acordo com as necessidades próprias. Porém, as complexas dinâmicas ao qual está

7° ALCAR SUL_2018

7° Encontro Regional Sul de História da Mídia

envolvido algoritmicamente causam uma ilusão ao seu controle de ações, trazendo a superfície da experiência comunicacional reflexos do que o órgão centralizador gerencia.

As “inteligências de trajetórias” (Verón, 2013), reconduzem a uma experiência guiada. Nesse jogo entre meios e sociedade, o que está produzindo a rede é uma transformação profunda da relação dos atores sociais individuais com os fenômenos midiáticos (Verón, 2013).

A circulação midiática é um resquício a ser visto pois é nesse status que são conduzidas as dinâmicas pertencentes a rede. É nessa entreposição que acontecem os conflitos e convergências entre o que o meio tenta conduzir como automatização de maneira artificial e o que é pertencente a cadeia humana de processos interacionais. Na visão de Verón (2013), a rede é semelhante a uma rede neural, que podemos completar aqui dizendo que são em termos de condições de sentidos de linguagem e semânticos altamente flexíveis e complexos.

A inteligência artificial condensa os processos midiáticos conduzindo a diferentes esferas e correlações que necessitam de ações dos atores sociais. Nesse sentido, podemos ver que a complexa rede organizacional e mecânica na realidade necessita de um preenchimento de sentidos, de correlações a serem feitas por seus usuários. Não tendo como ver isso de uma maneira diferente que não a constantes embates de sentidos, as codificações buscam reconduzir os usuários.



Considerações

Antes de mais nada a inteligência artificial mesmo sendo automatizada requer um profundo e complexo desenvolvimento de humanos que observam dados coletas e devolvem em forma de ações nos sistemas interacionais com os usuários em redes.

Nesse sentido o meio é flexível aos processos interacionais, quando olhamos para a individualização temos uma fragmentação de sentidos que são tensionadas pelo órgão central midiático. Baseado em Martín Barbero, Gomes (2018, p. 194), cita que as “formas, mesmo quando registradas em livro, nunca alcançam o status social deste meio, e tanto o seu modo de impressão quanto de circulação e consumo materializam um outro mundo de existência do relato popular”.

A concentração de dados centralizadora e o organização mesmo que tentativa de regramento do funcionamento sócio-político em rede, traz indagações sobre um nova relação dos humanos e os limites em que são estabelecidos entre o que torna o interagente no controle da ação comunicacional.

Os circuitos-ambientes conduzem a uma sociedade que busca adaptações ao tecnológico sem ao menos questionar procedências e as normas de funcionamento dos dispositivos tecnológicos. Temos um novo ser humano nascido de uma nova ambiência, como Gomes (2018, p. 197) relata “à medida que aumenta o consumo de informação, de dados, diminui a intercomunicação pessoal. É possível afirmar que uma nova ambiência está sendo gestada: uma sociedade em midiatização”.

Compreender como a circulação é engendrada é um desafio aos pesquisadores da área da comunicação. É um processo complexo que requer um constante olhar sobre os processos técnicos e sociais, sem eliminar nenhum dos dois lados do que está construindo o atual campo comunicacional.

Segundo Verón (2013, p. 429), a “internet es una mutación en las condiciones de circulación de los fenómenos mediáticos, como resultado de una transformación de las condiciones de acceso”. As alterações no equilíbrio de ação e reação interacional entre os indivíduos imersos ao ambiente de midiatização revela causar uma diversidade de reações estruturais ao campo comunicacional. O acesso aos meios e a sua dinamicidade compreende uma configuração de dois polos, onde o meio e o público convivem, se



7º ALCAR SUL_2018
7º Encontro Regional Sul de História da Mídia

correlacionam e formam constantes circuitos-ambientes um desafiando o outro nas imersões de códigos, linguagens e significações.

Referências

- CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- FAUSTO NETO, Antonio. Ombudsman: a interrupção de uma fala transversal. In: Intexto, Porto Alegre, v.2, n.19, julho/dezembro 2008.
- FERREIRA, Jairo. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições? In: BRAGA, José Luiz (Org). 10 perguntas para a produção de conhecimento em comunicação. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 2013.
- GOMES, Pedro Gilberto. Dos meios às mediações: Jesús Martín-Barbero na teoria da comunicação da Unisinos. In: Revista Matrizes. São Paulo: USP, v. 12, n. 1, 2018.
- KRAPP, Peter. Electronic Mediations - Noise Channels: Glitch and error in digital culture. Londres, Inglaterra: University of Minnesota, volume 37, 2011.
- NELSON, Ted. Computer Lib. Estados Unidos: Microsoft Press, 2ª Edição, 1987.
- PERAYA, Daniel. Théories de la communication et technologies de l'information et de la communication: un apport réciproque. In: LE DISPOSITIF - Entre usage et concept. Hermes 25: Cognition, Communication, Politique. Paris: CNRS Éditions, 1999. Disponível em: <http://documents.irevues.inist.fr/handle/2042/14700>
- VERÓN, Eliseo. Esquema para El analisis de la mediatization. Diálogos: Lima, 1997.
- VERÓN, Eliseo. La semiosis social, 2. Ideas, momentos, interpretantes. Buenos Aires, Paidós-Planeta, 2013.

Links de notícias

1. Facebook e a acusação de venda de dados nos Estados Unidos:
<https://canaltech.com.br/redes-sociais/mark-zuckerberg-diz-assumir-total-responsabilidade-pelos-erros-do-facebook-111280/>
2. Eleições do México e notícias falsas:
<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/05/noticias-falsas-ganham-forca-na-disputa-presidencial-do-mexico.shtml>
3. Falsas redes de engajamento via Facebook no Brasil:
<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2018/08/15/facebook-remove-rede-brasileira-de-engajamento-falso.ghtml>